



CRIAÇÕES



CRIA
Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

Projeto

ENTREVISTA DE EDUARDA ROVISCO
(CRIA-ISCTE) A SÓNIA FERREIRA
(CRIA-NOVA FCSH)

15 DEZEMBRO 2021

#ECOS

**EXÍLIOS, CONTRARIAR O SILÊNCIO:
MEMÓRIAS, OBJETOS E NARRATIVAS
DE TEMPOS INCERTOS.**

Testemunhos de exilados políticos portugueses em França e na Dinamarca durante a guerra colonial, uma exposição virtual, um filme e uma peça de teatro sobre o exílio são alguns dos materiais alojados no website do #ECOS que constituiu o ponto de partida para uma conversa com Sónia Ferreira, investigadora responsável pelo projeto. Iniciado em novembro de 2019 e financiado pelo programa Europa para os Cidadãos da União Europeia, este projeto integra na sua equipa mais três investigadoras do CRIA: Filomena Silvano, Marta Prista e Sónia Vespeira de Almeida. Sónia Ferreira falou-nos dos objetivos e atividades do #ECOS, do impacto da pandemia no plano de trabalho e da memória do exílio.

Com base nesta história do exílio português – que não é só uma história portuguesa, mas também dos países onde os exilados portugueses viveram, e alguns ainda vivem – queremos, na realidade, discutir as políticas migratórias e de asilo do presente.

Eduarda Rovisco (ER): Em primeiro lugar, pedia-te que nos falasses dos objetivos do projeto?

Sónia Ferreira (SF): O objetivo do projeto é trabalhar a questão da memória europeia a partir da história do exílio português na Europa no período do Estado Novo, sobretudo, a partir dos anos sessenta. Com base nesta história do exílio português – que não é só uma história portuguesa, mas também dos países onde os exilados portugueses viveram, e alguns ainda vivem – queremos, na realidade, discutir as políticas migratórias e de asilo do presente. Queremos colocar em diálogo dois contextos e duas gerações e levar esta discussão aos jovens. O nosso público-alvo é o escolar. Não se trata de um projeto de investigação no sentido clássico, mas de um trabalho conjunto com a sociedade civil. E temos como parceiros a Associação de Exilados Políticos Portugueses (AEP61-74), a Associação Mémoire Vive / Memória Viva, a Casa da Esquina, a Unité de Recherche Migrations et Sociétés (Universidade de Paris), a NOVA FCSH e a Universidade de Copenhaga.

Um dos objetivos é a construção de um pacote pedagógico que tem várias vertentes. Há uma componente expositiva e começámos o

projeto com uma exposição na Escola Artística António Arroio, que acolheu o projeto ao abrigo do programa de Formação em Contexto de Trabalho. Os alunos trabalharam com o #ECOS a partir das várias disciplinas (design de comunicação, fotografia, cinema, multimédia, serigrafia, gravura, realização plástica do espetáculo). Montámos a exposição na escola e fizemos sessões em sala de aula sobre o exílio, as migrações e sobre a mobilidade em geral, porque os alunos podiam trabalhar sobre o exílio e migrações portuguesas, mas também sobre migrações em geral. Alguns exilados políticos portugueses foram à escola falar com os alunos e estiveram muito envolvidos no processo criativo que originou uma série de peças que integramos no nosso próprio pacote pedagógico. Este trabalho na António Arroio correu muito bem. Depois veio a pandemia e tivemos de reequacionar todo o projeto para o formato digital.

ER: No website (ecosexilios-cria.org) é visível o vosso esforço e capacidade de adaptação ao contexto pandémico.

SF: Desde o início, tínhamos prevista a criação de um website e o que fizemos foi tentar tornar este pacote pedagógico o mais digital

possível de forma a poder ser usado à distância. Ao abrigo de Escola de Verão do CRIA, tivemos duas bolsistas a trabalhar connosco e uma delas transformou a nossa exposição numa exposição virtual que está alojada no website. Concluímos também um caderno pedagógico digital com atividades que tentam reproduzir o que iríamos fazer presencialmente nas escolas. Tem toda a oferta do projeto para que as escolas o possam utilizar, como a descrição do que são os nossos workshops e fichas pedagógicas construídas a partir de materiais dos espólios pessoais dos exilados. Há documentos como passaportes e documentos falsos, ou a máquina de escrever com que se fazia um jornal. Temos também fichas de inventário sobre documentos, objetos, memória e materiais pedagógicos, que podem ser impressas e afixadas nas escolas, como fizemos este ano na Biblioteca da Escola Rainha Dona Leonor, em Lisboa, e que constituem um mote para a discussão com os alunos em torno destas temáticas. Tem sido um grande desafio para nós porque estamos a trabalhar com uma faixa etária a que não estamos habituadas, mas tem sido também muito enriquecedor.

O projeto decorre em simultâneo em três países (Portugal, França

e Dinamarca). Em Portugal, o que estava previsto era trabalhar com escolas de Lisboa, Porto e de toda a raia portuguesa. Isso foi o que ficou mais comprometido. Estamos a tentar chegar a estas escolas de forma digital. Na Dinamarca, trabalhámos com uma turma de estudantes universitários que desenvolveram atividades com os exilados portugueses que lá vivem. Em França, há vontade de trabalhar com faixas etárias mais alargadas, da primária à universidade e já conseguimos fazer sessões em algumas escolas. Temos uma parceria com o Ministério da Educação francês, nomeadamente, na região de Grenoble, onde, em colaboração com o ODTI (Observatoire des Discriminations et des Territoires Interculturels) participámos numa exposição e num colóquio internacional.

A pandemia colocou muitas das nossas atividades em stand by mas, aos poucos, fomos avançando. Há aqui uma coisa a dizer também. Se o projeto tem esta vitalidade toda é porque os exilados são extraordinários. Toda a energia que permitiu que fizessem o que fizeram, nos anos sessenta e setenta, mantém-se hoje. Eles são uma força extraordinária e têm trabalhado imenso.

ER: Porquê a Dinamarca?

SF: Este projeto surgiu porque há uns anos comecei a trabalhar sobre este tema de forma paralela ao meu projeto principal. No período em que vivi em França, conheci estas pessoas, envolvi-me e acabei por trabalhar sobre os espólios deles, nomeadamente sobre a imprensa que era o que me interessava na altura. Comecei a trabalhar sobre um jornal militante que os exilados faziam em França mas que recebia conteúdos e era distribuído em vários países, entre os quais a Dinamarca. E consegui um contacto de uma colega nossa que dá aulas na Universidade de Copenhaga. Mas podia ter sido a Suécia onde também há imensos exilados políticos portugueses.

ER: Podes destacar algumas das atividades desenvolvidas em 2021?

SF: Agora em novembro tivemos uma sessão na Casa da Europa em Copenhaga, que é a sede do Parlamento Europeu na Dinamarca. Foi a grande sessão de encerramento do projeto naquele país. Pretendemos dar visibilidade à história dos exilados portugueses na Dinamarca que é desconhecida, inclusivamente, pelos próprios dinamarqueses. Mas, ao realizar este

evento na Casa da Europa, numa altura em que se discute a política de asilo e a pressão migratória, estamos a fazer também uma espécie de statement. Queremos dar o nosso contributo para a temática das migrações no seio do debate público europeu, fazendo-a entrar por uma história que começa em Portugal e com os portugueses exilados que vivem na Dinamarca. Nesta sessão, lançámos um livro em dinamarquês com os testemunhos dos exilados portugueses e dos dinamarqueses que os acolheram. Já anteriormente tínhamos organizado uma sessão numa biblioteca de Aarhus, a cidade que acolheu mais exilados portugueses na Dinamarca, onde exibimos o nosso documentário *Countering Silences* sobre o exílio português na Dinamarca.

Em outubro, tivemos a sessão de encerramento do projeto em Paris, o local icónico do exílio português, onde organizámos um conjunto de atividades, uma exposição no consulado português, uma visita guiada aos locais de exílio e uma conferência na Câmara Municipal de Paris com convidados de instituições académicas, de arquivos e de outros projetos e redes internacionais. O objetivo foi, em grande medida, perceber o que podemos fazer no futuro, que parcerias po-



Se o projeto tem esta vitalidade toda é porque os exilados são extraordinários.

Toda a energia que permitiu que fizessem o que fizeram, nos anos sessenta e setenta, mantém-se hoje.

deremos estabelecer, principalmente em relação à produção de materiais pedagógicos e outros outputs do projeto que ficarão para a comunidade, em acesso aberto, no nosso website.

Na área da dramaturgia, através da nossa parceria com a Casa da Esquina e com coordenação do Ricardo Correia, fizemos leituras encenadas on-line da peça “Exílio(s) 61-74” que estão disponíveis no nosso website. Durante o verão, tivemos também a decorrer o Laboratório de Escrita Teatral – Dramaturgias Contemporâneas, onde alguns autores trabalharam a partir da temática da memória e resistência. Iremos agora produzir uma edição digital e impressa com estas peças, e leituras encenadas de algumas, para que seja mais um material autónomo depois do projeto acabar.

“A fronteira marca um antes e um depois. É a fronteira que marca o caminho do exílio”

ER: Consultando os materiais do website, ficamos com a ideia de que a memória do exílio é muito marcada pelos temas da solidariedade e da vontade de projetá-la no futuro, da gratidão, da luta anti-colonial, do salto da fronteira. E há também a questão da cultura material do exílio.

SF: Sim. A questão da fronteira foi muito discutida com os alunos porque é o momento inicial e organizador destas narrativas. A fronteira marca um antes e um depois. É a fronteira que marca o caminho do exílio. E quando falamos de refugiados e de migrações hoje em dia, falamos de fronteiras. Depois há a questão da solidariedade que está muito presente nos discursos e que se prende com a ideia de acolhimento. E um dos nossos desafios foi abrir esta reflexão a todas as pessoas que estiveram envolvidas neste processo. Não só os exilados, mas também os que os acolheram e que, muitas vezes, arriscaram ser presos para ajudar pessoas que não conheciam de lado nenhum. Todas estas histórias do exílio são marcadas pela solidariedade, não só institucional (dos países que tinham programas montados para isso) mas também informal, do quotidiano das pessoas que habitavam nestes países.

Depois há uma outra questão importante. As pessoas quando saíam de Portugal, não sabiam quando poderiam regressar. Não sabiam que, em 1974, haveria o 25 de Abril. Alguém que sai hoje da Síria, também não sabe se algum dia poderá voltar. Estas histórias repetem-se. Por outro lado, às vezes, as famílias dos exilados deslocavam-se para os irem visitar aos países onde estavam. Temos famílias portuguesas pobres, de zonas urbanas mas também rurais, que compraram bilhetes caríssimos para irem a França ou à Dinamarca ver um filho. Acho que é importante referir isto porque naturalizámos a ideia da mobilidade, mas ela nunca foi acessível a toda a gente, como hoje, na realidade, também não é.

A questão da língua também é interessante. Na Escandinávia, os exilados portugueses eram colocados a aprender a língua com exilados da América do Sul e de alguns países de Leste e construía assim uma comunidade transnacional. E a questão da cultura material é importante para nós, antropólogos, porque a história do exílio, em termos de cultura material, está muito cristalizada nos documentos, no que é considerado arquivo histórico. Temos tentado valorizar outras dimensões, resgatando, por exemplo, objetos que as pessoas têm em

casa e que não valorizam. Objetos que vieram do exílio ou que foram e vieram.

ER: Onde estão os lençóis amarelos do hotel Hilton?

SF: [Risos] Estão cá. Tornaram-se um ícone do projeto. São do Carlos Sousa Neves (AEP61-74) e têm uma história fantástica. Não sei quantos exilados terão dormido em lençóis amarelos do Hilton. Temos tentado resgatar esses materiais que são extraordinários para contar histórias.

“Naturalizámos a ideia de mobilidade, mas ela nunca foi acessível a toda a gente, como hoje, na realidade, também não é”



Exposição
 #ECOS... contrariar
 silêncios
 2019, EAAA (Lisboa)



Kit pedagógico
 Francisco Assis
 Luísa Gomes
 Mariana Montez
 Sofia Lopes
 2020, EAAA (Lisboa)

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

documento#004

35

NOM A L M E R A S

Prenoms Jean Henri

Né le 1er Janvier 1948
à ST ANDRE DE SANGONIS
Hérault

NATIONALITÉ FRANÇAISE

Taille I M 65

Signes particuliers

Domicile 167 rue P.V. Couturier
ALFORTVILLE
Val de Marne

Signature du titulaire

Fait le 28 FEVR. 1974
par

Empreinte index gauche

Pour le Préfet
Le Directeur de la Réglementation

Bilhete de Identidade francês (1974) © Fernando Cardoso

Ficha de inventário #ECOS

2020



Workshop de Stencils

Bárbara Vasconcelos, Joane Carvalho, Marta Peças
2020, EAAA (Lisboa)



**CRIAÇÕES CONTA COM A COLABORAÇÃO DE
DOUGLAS SANTOS, EDUARDA ROVISCO,
VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO**

